

Inserção das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Enfermagem: Uma Perspectiva Qualitativa

Palavras-Chave: Enfermagem, Terapias Complementares, Medicina Integrativa

Autores(as):

JULIA DE SALLES BORGES, FEnf – UNICAMP

THAÍS LETÍCIA MACHADO, FEnf – UNICAMP

ANA MARCELA SARRIA ALBUQUERQUE, UFRGS

DANIELA DALLEGRAVE, UFRGS

SUZIMAR DE FÁTIMA BENATO FUSCO, FEnf - UNICAMP

INTRODUÇÃO

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) reúnem terapias reconhecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde a década de 1970 como parte das Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI), com potencial para ampliar o cuidado de forma holística e centrada na pessoa¹. No Brasil, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), instituída pela Portaria nº 971/2006², consolidou o país como referência mundial na oferta dessas práticas no sistema público³. Em 2023, as PICS estavam presentes em 83% dos municípios, com mais de 26 milhões de participantes e 21 milhões de procedimentos registrados no SUS, principalmente na Atenção Primária⁴.

A enfermagem apresenta forte convergência com os princípios das PICS, tendo sido a primeira profissão da saúde a reconhecê-las oficialmente como prática de cuidado⁵⁻⁶. Do ponto de vista normativo, o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) avançou na regulamentação desde a década de 1990, com marcos como a Resolução nº 581/2018⁷ e a Resolução nº 739/2024⁸, que estabeleceu competências, cargas horárias mínimas e critérios de especialização. Pesquisas regionais revelam predominância feminina, atuação na Atenção Primária e formação em práticas como auriculoterapia, acupuntura e Reiki⁹⁻¹², embora a aplicação varie entre as regiões.

No Sudeste, apesar da expressiva concentração de enfermeiros — cerca de 43% do total nacional¹³ — e alta oferta de PICS no SUS⁴, a produção científica é escassa. Estudos apontam que entre os enfermeiros com formação, as práticas mais comuns são auriculoterapia, acupuntura e Reiki, geralmente aprendidas em cursos livres¹⁴⁻¹⁵. Esse panorama evidencia disparidades regionais e a necessidade de ampliar o conhecimento sobre a formação e uso das PICS na enfermagem, para qualificar a assistência e fortalecer a integralidade do cuidado.

Diante desse cenário, este estudo teve como objetivo analisar a inserção das PICS na prática diária de enfermeiros(as) da região Sudeste do Brasil.

MÉTODOS

- Estudo qualitativo realizado com enfermeiros(as) dos estados da região Sudeste do Brasil, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, com formação em PICS, que participaram do Inquérito Nacional sobre o perfil Educacional e Profissional de Enfermeiros(as) de Saúde Integrativa e Práticas Tradicionais- ENFPICS e que se disponibilizaram no questionário virtual para a etapa de entrevista.
- O tamanho amostral foi determinado pela saturação dos dados.
- As entrevistas foram realizadas por meio de plataforma virtual gratuita, com duração de aproximadamente uma hora. Todas foram gravadas, e posteriormente transcritas para análise.
- Os nomes dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos inspirados em essências florais do Sistema Bach, protegendo suas identidades sem comprometer a integridade dos relatos.
- O roteiro da entrevista foi composto por nove questões que abordavam motivações, práticas, tempo dedicado, benefícios, desafios e sugestões em relação ao uso das PICS na enfermagem.
- Os dados foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin composta por três fases: pré análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

- Para auxiliar na organização, codificação e sistematização dos dados, foi empregado o software NVivo®.
- Foram seguidas todas as normas para pesquisas envolvendo seres humanos estabelecidas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Esta pesquisa faz parte do “Estudo brasileiro: inquérito nacional sobre o perfil educacional e profissional de enfermeiros(as) de saúde integrativa e práticas tradicionais - ENFPICS”. Foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e aprovada sob nº 6.009.346.

RESULTADOS

A pesquisa contou com a participação de 29 enfermeiros, com formação em PICS, que contribuíram com relatos aprofundados sobre suas motivações, experiências formativas e práticas profissionais envolvendo as PICS. Os resultados estão apresentados em três seções, “Escolher PICS: sentidos da formação”, que explora os fatores para a escolha das PICS, dentre elas a influência acadêmica, as possibilidades e os benefícios percebidos na prática; “Aprender PICS: entre saberes e fronteiras do ensino” que busca investigar o percurso formativo dos enfermeiros nas PICS; por último “Fazer PICS: a construção da prática”, que revela os limites de sua aplicação na prática clínica e os obstáculos enfrentados para sua implementação no cotidiano do trabalho em saúde.

1- Escolher PICS: sentidos da Formação



Fonte: Canva Pro ®

2- Aprender PICS: entre saberes e Fronteiras do ensino

Inserção acadêmica

- Inclusão das PICS na graduação em enfermagem.
- Formação unindo teoria e vivência prática.



Acesso e desigualdade

- Alto custo e pouca oferta de cursos, muitas vezes distantes.
- Dificuldade de conciliar tempo e recursos, especialmente para estudantes.
- Importância de ampliar formações gratuitas e descentralizadas.

Limitações dos cursos

- Excesso de teoria e pouca prática aplicada.
- Falta de alinhamento com diretrizes do SUS.
- Necessidade de integrar fundamentos, evidências científicas e aplicação clínica.

Valorização e regulamentação

- Fortalecimento da pesquisa e da infraestrutura de ensino.
- Reconhecimento e validação oficial dos cursos por órgãos competentes.

Fonte: Canva Pro®

3- Fazer PICS: a construção da prática

Cenário e expansão

- Mercado em crescimento e diversidade de aplicações.
- Maior presença e facilidade de implementação na atenção primária.

Benefícios ao paciente

- Redução do uso excessivo de medicamentos.
- Promoção de autonomia e participação ativa no cuidado.

Desafios institucionais

- Resistência de profissionais e gestores.
- Falta de incentivo à atuação autônoma.
- Sobrecarga de trabalho e ausência de espaços adequados.
- Pouca divulgação das práticas existentes.

Áreas de aplicação

- Saúde pública, incluindo surtos e demandas específicas.
- Obstetrícia, saúde do trabalhador e atenção hospitalar.
- Aplicações em alta complexidade, como UTI.



Barreiras normativas

- Ausência de protocolos institucionais.
- Limitações regulatórias para algumas práticas, como acupuntura.

Fonte: Canva Pro®

CONCLUSÕES

Esta pesquisa evidencia que a formação em PICS contribui significativamente para o fortalecimento da identidade profissional dos enfermeiros, a ampliação de suas possibilidades de atuação e a ressignificação do cuidado. Os relatos apontam para a necessidade das PICS ocuparem um lugar estruturante na formação em enfermagem, com reconhecimento institucional e compromisso com a ampliação do cuidado no sistema de saúde.

Apesar dos avanços observados — como a crescente inserção das PICS em diferentes contextos assistenciais e os efeitos positivos percebidos tanto por profissionais quanto por pacientes —, persistem desafios que comprometem sua consolidação no cotidiano dos serviços de saúde. Tais desafios são de ordem estrutural, institucional e simbólica, indicando que a expansão efetiva das PICS no campo da enfermagem exige não apenas formação específica, mas também mudanças no modelo de atenção, no reconhecimento profissional e nas políticas públicas de saúde.

REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial da Saúde. *WHO traditional medicine strategy: 2014–2023* [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2013 [citado 2025 jul 10]. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241506096>
2. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006. Institui a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Diário Oficial da União [Internet]. 2006 maio 4 [citado 2025 jul 10]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html
3. Brasil. Ministério da Saúde. Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – PICS [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; [citado 2025 jul 10]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/p/pics>
4. Brasil. Ministério da Saúde. Relatório de monitoramento nacional das práticas integrativas e complementares em saúde nos sistemas de informação em saúde do SUS (2017–2023) [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2024 [citado 2025 jul 10]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios/2024/relatorio-de-monitoramento-nacional-das-praticas-integrativas-e-complementares-em-saude.pdf>
5. Conselho Federal de Enfermagem (BR). Resolução COFEN nº 311 [Internet]. Brasília: COFEN; 2012 [citado 2025 jul 10]. Disponível em: https://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/resolucao_311_anexo.pdf
6. Soares DP, Coelho AM, Silva LEA, Silva RJR, Figueiredo CR, Fernandes MC. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde: discurso dos enfermeiros da atenção básica. Rev Enferm Cent - Oeste Min [Internet]. 2019 nov [citado 2025 jul 10];9:e3265. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19175/recom.v9i0.3265>
7. Conselho Federal de Enfermagem (BR). Resolução COFEN nº 581, de 11 de julho de 2018 [Internet]. Brasília: COFEN; 2018 [citado 2025 jul 10]. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/RESOLU%C3%87%C3%83O-COFEN-N%C2%BA-0581-2018.pdf>
8. Conselho Federal de Enfermagem (BR). Resolução COFEN nº 739, de 5 de fevereiro de 2024 [Internet]. Brasília: COFEN; 2024 [citado 2025 jul 10]. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-739-de-05-de-fevereiro-de-2024/>
9. Mildemberg R, Paes MR, Santos BA, Dalmolin IS, Brusamarello T. Práticas integrativas e complementares na atuação dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde. Esc Anna Nery [Internet]. 2023 [citado 2025 jul 10];27:e20220074. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2022-0074pt>
10. Wickert DC, Dallegrave D, Piexak DR, Mello MCVA, Corcini LMCS, Schimith MD. Integrative and complementary practices in health, nurses' profile and care provided to people with hypertension: a mixed study design. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 2023 [citado 2025 jul 10];31:e3915. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6287.3915>
11. Abrantes MJG, Freitas CKAC, Bispo LDG, Santos TS, Piexak DR, Menezes AF, et al. Enfermagem integrativa no nordeste brasileiro: inserção, potencialidades e desafios. Rev Gaúcha Enferm [Internet]. 2024 [citado 2025 jul 10];45:e20230205. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/19831447.2024.20230205.pt>
12. Silva MM, Pilger C, Silva DR, Silva QTA, Piexak DR, Dallegrave D. Características do perfil educacional e profissional de enfermeiros de saúde integrativa no Centro-Oeste do Brasil. Ciênc Cuid Saúde [Internet]. 2025 fev [citado 2025 jul 10];24(1):e72515. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v24i1.72515>
13. Conselho Federal de Enfermagem (BR). Base de dados de quantitativo de profissionais de enfermagem por região e categoria [Internet]. Brasília: COFEN; [citado 2025 jul 10]. Disponível em: https://descentralizacao.cofen.gov.br/sistema_SC/grid_resumo_quantitativo_profissional_externo/grid_resumo_quantitativo_profissional_externo.php

14. Gnatta JR, Domingos TS, Gherardi-Donato ECS, Fusco SFB, Kurebayashi LFS, Borges TP. Sociodemographic and training profile of nursing professionals in the state of São Paulo in relation to Integrative and Complementary Health Practices. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 2024 [citado 2025 jul 10];32:e4203. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.7144.4203>
15. Piexak DR, Dallegrave D, Silva KA, Sarria AM, Gu Y, Barroso TMMDA. Prevalence of traditional, complementary, and integrative medicine training, its different practices, and associated sociodemographic factors: a study with Brazilian nurses. *J Integr Complement Med* [Internet]. 2025 maio [citado 2025 jul 10];31(5):1–9. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/jicm.2024.0398>
16. Bardin L. *Análise de conteúdo*. 3ª reimpr. da 1ª ed. São Paulo: Edições 70; 2016.